



Calvario em Arouca

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

#### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 5\$800

Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador, accresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$600.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 302

Braga 17 de Maio de 1919

Anno VI

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Viela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre.

Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer

Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

*Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio em

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

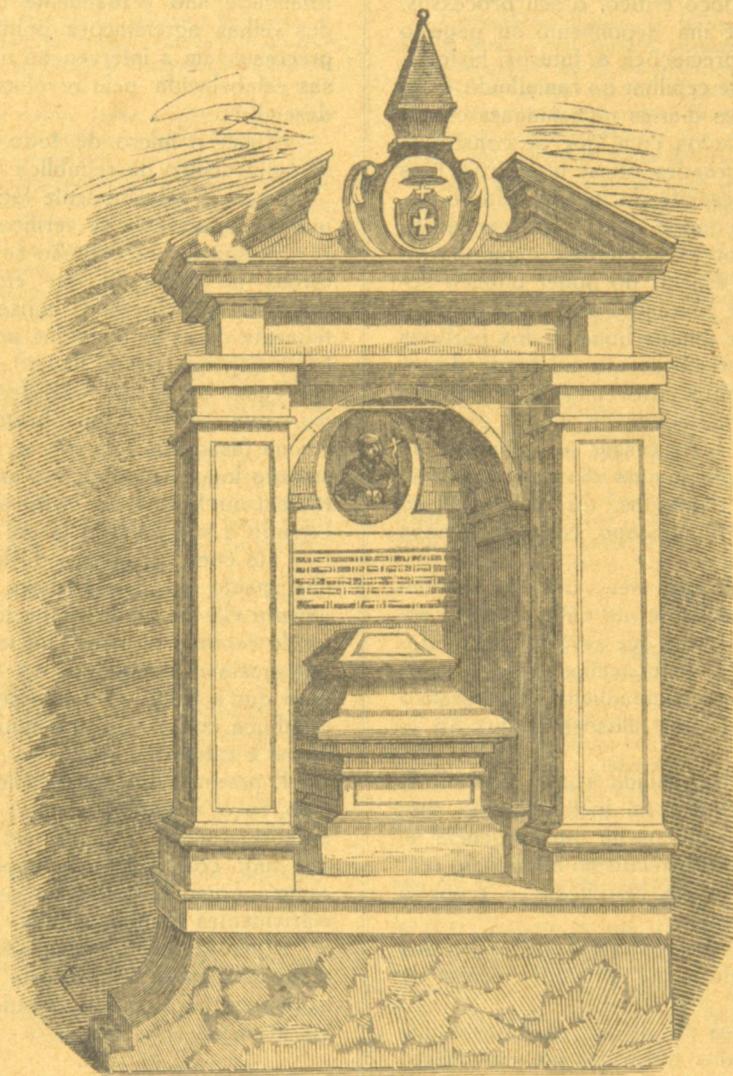
Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 17 de Maio de 1919

Redacção, Administração e Typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 302—Anno VI



Tumulo de Frei Bartholomeu dos Martyres



**V**ABRIR-se a válvula de segurança de S. Bento e é assim possível que abrande e se attenua a furia revolucionaria que já se prolongou demasiado no paiz. As camaras accusarão uma forte maioria radical que resistirá facilmente ás coalisões dos outros sectores, se acaso o caruncho das scisões não lhe abrir a unidade.

Eis a maior probabilidade no periodo de transformações politicas que atravessamos.

Encaradas as coisas como ellas são, esta instabilidade era fatal, e eu quero apenas analysar aqui, em esboço critico, o seu *processus*, como quem expõe um depoimento ou paga o seu tributo de apreciações a futuros historiadores que terão de cepilhar no ramalhudo tronco das publicações diarias ou semanaes os mil e um pequenos factos com que se constróem os alicerces das grandes obras historicas. Nos fins de 1918, a despeito do insano esforço empregado pela maçonaria para conservar as ligações entre as forças esquerdistas que diariamente levava ao assalto do poder publico seguro nas mãos de Sidonio Paes, haviam entrado a convencer-se muitos homens dos partidos republicanos historicos de que no fundo da revolução de dezembro havia uma razão de ser indiscutivel: a necessidade de mudar de rumo governativo e de fazer cessar a balburdia do poder. Fallou-se por muitos dias na formação d'um blóco das esquerdas, da reorganização do velho partido republicano, com gente nova e processos novos...

Recordo-me de que uma noite, em Lisboa, ao descer o Chiado com um amigo meu — estava em discussão mais que revólta o malfadado caso Telles de Vasconcellos — me encontrára com um antigo companheiro, democratico activo, que, ás primeiras allusões á situação sidonista me disse:

— E' preciso dar sahida a este bêco... A revolução de dezembro foi justificada. E' preciso dominar os fanáticos da intransigencia, e, mesmo com um presidencialismo attenuado, realisar o pensamento da revolução, e repôr o comboio nos rails...

E contara-me de conferencias, de recados mandados particularmente a Sidonio Paes, de combinações, etc.

Já nas vesperas da eleição da Constituinte houvera nos partidos historicos um movimento

favoravel á intervenção; mas subitamente a força occulta que manejava toda a opposição, destruíra por completo essas velleidades dictadas pelo melhor senso politico, impondo a abstenção geral que se reflectiu depois no acto do sufragio, por uma deficiencia não excedente a cem mil votos.

E essa aziumáda dissidencia entre o snr. Affonso Costa e o snr. Norton de Mattos e os seus correligionarios de hontem deriva toda ella, d'essas divergencias do tempo agreste do afastamento do poder, pois que na sua quasi totalidade são actualmente dirigente *de facto* das velhas agremiações politicas, aquelles que preconisavam a intervenção na ordem de coisas estabelecida pela revolução libertadora de dezembro.

E' este o fulcro de todo o problema que se agita dentro da republica.

Agora é relativamente facil explicar tudo o que posteriormente se verificou.

Se aquella intervenção se tem realisado, as forças da esquerda que em *republica velha* (usemos as expressões consagradas) teem fatalmente de estar divididas porque são elementos indispensaveis ao ficticio organismo politico do regime de 14 de maio (esta é que é a data *marcante* ver-se-hiam obrigadas naturalmente a uma fusão disciplinada e arrumada que resultaria logo na politica n'um grande partido radical ou liberal *de turno* ou rotativos, e sobretudo a sua entrada far-se-hia ordenadamente e até com as honras devidas. Era o reconhecimento do dezembrismo? E porque não haveria elle de ser reconhecido, se representava de facto a corrente nacional, e a politica que ajustava a republica ao natural da nação para que a nação se ajustasse ao natural d'uma republica conservadora e equilibrada de gestos, ideias e estatura?

E porque não haveria elle de ser reconhecido, se o dezembrismo era fundamentalmente a morigeração, o saneamento e a correcção que tudo convergia para impôr e imprimir ao regime, como reconheciam os melhores e mais clarividentes republicanos?...

Aguarde o leitor mais oito dias, e ouvirá o resto da interessante historia cujo conhecimento implica para os conservadores tantas e tantas licções.

F. V.



EM todos os escudos — prossegue o nosso auctor — offercem bellicosas sentenças. Muitas vezes o galante cavalleiro recebia a divisa das mãos da dama de seus cuidados. Porisso á inscripção armorial dos la Tremouille andava ligada, sem duvida, uma doce recordação *Ne m'oubliez! Não me olvideis!* — e bem assim á dos condes d'Estaing, que, no seculo XIV traziam por cima d'um fufo de lirios e rosas: *Tots por ely, tots por elles*: Tudo por elles, tudo por ellas!

Quando chegou a Paris Maria Leckzinska, mulher de Luis XV, um conde d'Estaing resuscitou este velho exergo de seus antepassados. A galantaria pareceu enfeitadora e e a rainha decerto nem por sombra suspeitou que não era ella quem a estreava.

Luz XI, quando ainda era delphim, appareceu no cerco de Compiégne com um estandarte no qual se via um cisne entre um K e um L. Ege enigma alludia a uma jovem e formosa donzella que naquelle tempo trazia captivo o coração do principe e que se chamava Gerarda Cassinelle (K cygne L).

Grande numero de divisas devem a existencia a algum acontecimento historico. Durante as sangrentas guerras entre es Armagnacs e os Burguinhões, no tempo de Carlos VI, o duque d'Orleans, cioso do poder de João Sem-pavor e impaciente por derrubá-lo, collocara nas suas armas um pau nodoso, e por baixo: *Je l'envie*: «Quero-o!» Por seu lado o duque de Burgonha não tardou em adoptar por emblema uma plaina com estas palavras: *Je le tiens*: «Eu seguro-o. Mais tarde, quando a plaina venceu o pau nodoso, quando o duque de Burgonha mandou assassinar o seu rival, a desditosa Valentina de Milão, viuva da victima, tomou por corpo de sua divisa um regador inclinado, vertendo agua em guisa de lagrimas, e, por alma d'aquelle corpo, estas palavras: *Rien ne m'est plus, plus ne m'est rien*: «Nada mais tenho, já não tenho nada.

Philippe o Bom, filho de João Sem-pavor, pretendendo a mão de Isabel de Portugal, escreveu por baixo das suas armas uma promessa tranquillizadora e marital: *Autre n'aurai*: «Não terei outra», — e estas palavras foram arvoradas pela gloriosa Ordem do Tosão d'Oiro, que elle fundou durante os festejos do seu casamento.

Todas as ordens militares finham as suas divisas particulares. Eis a origem da dos Cavalleiros da Jarreteira, (1) creados tambem durante uma festa e em honra d'uma dama.

Dança-se uma noite, e havia grande festa no palacio de Eduardo III d'Inglaterra. A formosa condessa de Salisbury caiu-lhe uma liga azul e o galante monarcha, que a viu, apressou-se a apanhá-la. Riram do accidente os cortezãos, e a condessa cõrou e rompeu em lagrimas. E logo o monarcha exclamou: *Honny soit qui mal y pense!* «Vergonha para quem n'isso puzer malicia! Juro que algum que se riu d'esta liga, por muito feliz se terá se puder usar uma semelhante! E assim foi.

Se passarmos ás corporações plebeias dos negociantes do antigo regime, achamos ainda que se distinguem por divisas allegoricas. Os mercieiros-boticarios de Paris orgulhavam-se de um magnifico escudo em que figurava uma mão a sair de uma nuvem d'oiro, sobre campo azul e segurando uma balança.

Por baixo liam-se algumas palavras latinas, cuja tradução livre vinha a dizer: *Fazemos bom peso e boa medida.*

Gloriosas tradições das quaes os representantes hodiernos da corporação, sem duvida, se não desviaram.

As inscripções heraldicas transmittiam-se, ordinariamente, como herança honorifica. Outras vezes; porem, a sua existencia era ephemera, embora muitas vezes brilhantissima. Assim os soberanos costumavam escolher uma, ao affingirem a maioridade, ao subirem ao throno, ou n'outra que aquella occasião solemne.

Gostavam de conservar as que para elles inventavam o enthusiasmo e a lisonja.

Eduardo III mandou gravar por baixo do seu escudo, em que se viam entrelaçadas as armas do nosso paiz (de França) e as do seu reino, este grito de guerra que demonstrava bem as suas pretensões á coroa de França: *Deus e o meu direito.* (1) Um dos seus successores, Henrique VIII, escolheu a figura dum archeiro armando o seu arco, e esta legenda: *Quem eu defendo é senhor.*

Ultimamente, nasceu (já morreu!) no reino vizinho d'Alem Mancha, um herdeiro presumpivo da corõa e logo no dia immediato ao do seu nascimento, recebeu o titulo de Principe de Galles, como é de costume dá-lo, a todos os filhos reaes que o precederam ha quinhentos annos. No seu escudo lê-se a divisa: *Eu sirvo*, cuja origem, se liga a um periodo célebre da nossa historia.

No dia 25 de agosto de 1346, o exercito francez combatia nas planicies de Crécy, de funesta recordação. No meio das suas fileiras, serviam, como symple cavalleiros — João, rei da Bohémia, e seu filho Carlos IV, imperador da Allemanha. O velho rei, que era cego, achava-se na retaguarda. Contavam-lhe o que se ia passando. «E onde está Monsenhor Carlos, meu filho?» disse elle. Respondem-lhe que combatia com valor, e que já recebera tres ferimentos. João, transportado de amor paterno e de coragem, insta com os seus companheiros para que vão em auxilio do filho e o levem a elle comsigo. «Vós sois os meus fieis, exclama elle, e portanto exijo-vos que me leveis para a frente, para a minha espada não estar ociosa.» Então os cavalleiros, para se não perderem d'elle no combate, prenderam o cavallo do rei aos freios das suas montadas, e pondo o rei á frente, caminharam todos juntos contra o inimigo. O rei de Bohémia, conduzido pelos seus cavalleiros, roupeu até junto do principe de Galles. Estes dois heroes, dos quaes um acabava e outro começava a sua carreira, combateram valorosamente com as suas espadas, para illustrarem para sempre os seus primeiros e os seus ultimos golpes. A confusão separou esses dois campeões tão diversos em idade e futuro, mas tão semelhantes em nobreza, generosidade e valor. «O rei da Bohémia foi tanto para a frente que chegou a ferir com a sua espada mais de quatro inimigos, e pelejou vigorosamente ao lados dos seus companheiros. E tanto se adiantaram e atiraram aos inglezes, que todos lá ficaram e foram encontrados ao outro dia, estirados por terra, em volta do seu senhor, e todos os cavallos presos uns aos outros».

«Verdadeiro milagre de fidelidade e de honra! As Musas, que por esse tempo despertavam do seu longo somno dos tempos barbaros, apressaram-se a immortalisar o velho rei cego; Setresca tambem o cantou, e o jovem Eduardo tomou a sua divisa, que depois ficou sendo a dos principes de Galles. Eram tres pennas d'abestruz com estas palavras germanicas escriptas em volta: *Iche dien* (eu sirvo). Só é dado á França ter semelhantes servidores!» (2)

(1) Por cá escreveu-se tambem *Garrotea*.

(1) E' divisa do grande jornal inglêz *The Times* n. do T.  
(2) CHATEAUBRIAND, Estudos sobre a historia de França.

# O CORAÇÃO DE JESUS

*Ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor D. Manuel Vieira de Mattos,  
Arcebispo Primaz.*

**E**RA no fim da tarde; os ceus encastelados  
Inspiravam terror; rochedos recortados,  
Escuros côr da treva, alçavam-se malditos  
Como as sombras do mal; dos antros infinitos  
Sahiam sem cessar medonhos estretores  
Jesus ia passando entregue ás suas dôres;  
No casto coração do filho de Maria  
Cahia gota a gota o calix d'agonia  
Elle ia triste e só por entre as oliveiras  
De Siloè ao Kedron, do Kedron ás palmeiras  
Que ficam no caminho. As pedras das torrentes  
Raspavam chocalhando os bojos das serpentes:  
Recordava o clamor das cruas gemonias;  
E alli bem junto á noite o vulto do Messias  
Parecia destacar no fundo azul escuro  
Como um anjo de luz, o anjo do futuro.  
Gemia brandamente, e o coração divino  
Semelhava entre-aberto, o livro do destino  
Pezava-lhe no peito a humanidade inteira;  
Andava lentamente e alli n'esse quebranto  
Ao contemplar ao longe a cidade fronteira  
Derramava-se em pranto.

Carpia a desventura, a sorte malfadada  
Dos mizeros mortaes a vida amargurada;  
E por entre o gemer d'aquelle povo hebreu  
E fero tumultuar do negro phariseu  
De tanto escriba vil de tanto sacerdote  
E o calculo brutal de Judas Iscariote  
Jesus descortinava a vida das nações  
O Reinado do mal, o mundo em convulsões;  
E co'o peito alanceado e o coração aberto  
Chamava pela cruz, que vinha já tam perto.

Chaves.

*Padre João Pessanha.*

# MISSÕES DE ANGOLA

**E**M fins de 1916 foi estabelecida no centro da região do Humbe, margem do rio Mucope, capitania-mór do Humbe, a nova missão do Tyulu. Sucedeu á antiga missão do Tyipelongo,



ção provada de dificuldades de toda a ordem e que, depois do cataclismo de 1915, se julgou necessario transferir para local mais apropriado á vida d'uma missão, africana.

A missão do Tyulu tem ajudado a reconstituir o paiz do Humbe, formando ali um centro de atracção das populações que escaparam ao flagelo da fome e da guerra.

A população que já existe dá esperanças de se tornar a vêr o paiz habitado como outr'ora.

O trabalho da evangelização foi bem principiado e tem sido continuado com todo o ardor.

Damos hoje algumas fotografias que representam os primeiros trabalhos d'esta obra mis-

sionaria. Que Deus se digne abençoar estes principios!

As fotografias trazem os Rev. Padres Felix Villain e Leão Bellencontre, que no sul de Angola tem prestado relevantes serviços, o primeiro com 14 annos consecutivos de serviço e o segundo com 12. Pertencem á benemerita Consagração do Espirito Santo.



- 1) Instalações provisórias da Missão do Espirito Santo do Tyulu' (Humbe).
- 2) Catechumenos do Rev. Padre Felix Villain (Missão do Tyulu).
- 3) Alumnos e alumnas do Rev. Padre Leão Bellencontre (Missão do Tyulu).



# A Missa do Patriota <sup>(1)</sup>

**D**URANTE o periodo de angustias patrioticas que atravessamos e que, creio, bem, está ainda longe de terminar, tenho vivido n'um estado de animo cheio de inquietações e tristezas.

E' um verdadeiro pesadelo que me atormenta mesmo durante o somno: uma noite parecia-me lutar desesperadamente com uma pobre louca, que tentava suicidar-se e que eu com todo o esforço procurava salvar, arrancando-lhe das mãos a arma fatal.

Quando acordei banhado em suor, e gritando, recordava com horror que existem francezes monstruosos, que não cessam de insultar o exercito, de cuspir na bandeira nacional, e pensava com profunda magua que a creatura de mente, que tentava suicidar-se, era a minha cara patria.

Ha já dois annos que este pensamento me envenena e torna amargo o calix da vida, por-

(1) E' uma bella pagina da vida de François Coppée descrita por elle mesmo nos seus «Contes pour les jours de fête. Pareceu-nos opportuno reproduzir-a aqui, porque tambem em Portugal ha «homens monstruosos, que não cessam de cuspir na bandeira nacional»: tambem em Portugal ha sclerados, que parecem apostados em cavar a ruina da patria; tambem em Portugal ha impios, que pretendem «expulsar os religiosos e religiosas, perseguir os padres e riscar o santo nome de Deus dos livros do estudante» e do coração do povo: finalmente tambem em Portugal ha muitos catholicos e muitos amantes da patria, que ainda não comprehendem os seus deveres sociaes, civis e politicos, vivendo com relação a estes n'uma «negligncia quasi inconsciente».

Oh! se todos se compenetrassem bem d'esses deveres, se todos trabalhassem e se sacrificassem um pouquinho pelo bem commum, se todos concorressem com uma pedra para o edificio da restauração nacional e religiosa, então sim, que seriam facilmente repellidos os inimigos, e depressa veriamos raiar sobre a nossa querida e desditosa patria a aurora de mais venturosos dias!

que uma França neutra e desarmada, como a desejam muitos eguistas e insensatos, teria immediatamente a sorte da Polonia.

Certamente o perigo, por grande que seja, pôde ainda ser conjurado. Muitos homens de bem se teem erguido para defenderem a patria franceza, exclusivamente franceza. Pela minha parte, consagrarei tambem a esta nobre cruzada as poucas forças que me restam. Todos os dias oro pela minha pobre e cara França, e firmemente espero o dia, que não deve tardar muito, em que a grande nação se levantará

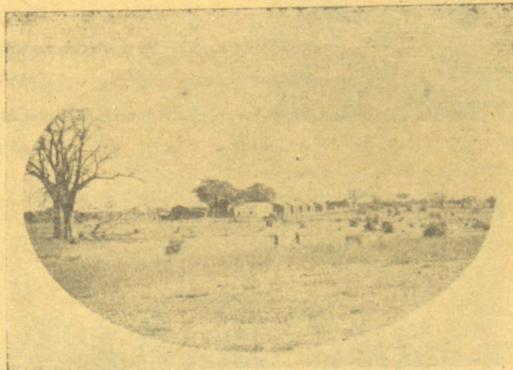
com um d'aquelles movimentos espontaneos e irresistiveis, em que se reconhece a intervenção directa da Providencia.

Mas quantos momentos de angustia teremos ainda de passar? Quem sabe se eu, já velho e doente, estarei ainda n'este mundo quando soar a hora do resurgimento do meu paiz?

Quem sabe se verei ao menos despontar a aurora de esse venturoso dia?

Preocupado com estes pensamentos, desde que começaram as nossas funestas discórdias, tenho vivido uma vida atribulada e cheia de angustias.

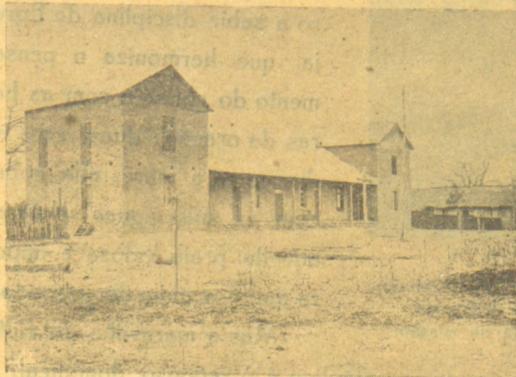
Hoje, porém, não quero tornar ainda outra vez a fallar de assumpto tão triste. Quero antes recordar as unicas horas doces e suaves que ha dois annos tenho vivido, e, desde já o declaro bem alto, são as que tenho consagrado á oração, sobretudo os instantes ineffaveis que tenho passado na igreja, nos domingos e dias de festa, emquanto se celebra o antigo e pro-



Vista do Muteno (Humbe) em 1910.

digioso drama da Missa, e eu sinto a minha alma na presença de Deus.

A minha conversão, ou para fallar mais exactamente, o meu retorno ás praticas religio-



Construções da antiga Missão do Typelongo (abandonada em 1915).

ses — pois os rebates da consciencia, esses já ha muito tempo me traziam inquieto — a minha conversão não data ainda de tres annos. Mas, desde então, quantas vezes não tenho abençoado a memoria de meus paes, que me deram uma educação religiosa! Quantas vezes lhes tenho agradecido esse inestimavel beneficio!

Se pude reaver a fé que perfuma e nobilita os meus ultimos dias, devo-o a elles, sem esquecer, entende-se, a graça divina.

Eu era ainda incredulo, quando começou para mim o outomno da vida: sei bem quanto é triste, e que cada dia se torna ainda mais tetrico e temeroso para o velho sem fé, que vae caminhando para a sepultura, de fronte abatida, vendo cahir a seus pés as folhas secas. Mas para o christão a morte é cheia de esperanza. Quando vem o outomno, elle levanta corajosamente a cabeça, porque por entre os ramos despídos vê melhor o céu.

Foi a fé que me mandou entrar na lucta n'esta hora de perigo nacional; é ainda ella que hoje, depois d'uma existencia em que fui apenas um poeta inutil e voluptuoso, me permite morrer como verdadeiro patriota.

Como é grande o erro dos incredulos affirmando desdenhosamente que o fiat do Pater

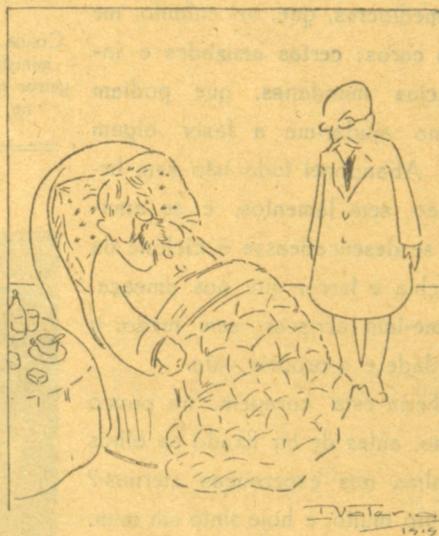
é fatal para as energicas resoluções! Naturalmente a vontade de Deus é a justiça soberana, e nós devemos acceitar todas as provas que Elle nos mandar, pois, se no-las impõe é porque nós as merecemos; mas nem por isso nos dispensa de cumprir os deveres que nos intima pela voz da consciencia.

Menos do que alguns, sem duvida, mas ainda assim muito funestamente, vivi até á pouco n'aquella quasi inconsciente indifferença pelo bem publico, muito frequente, como se sabe, nos artistas. Em mim, o patriota e o christão despertaram simultaneamente.

A Religião, digam o que disserem os seus inimigos cheios de má fé, não impede ninguem de amar enfranhadamente o proprio paiz; e com este nome quero significar tanto a nação fundada pelos nossos antepassados, como o pedaço de terra em que nascemos: a França e o campanario da nossa aldeia.

No cidadão que cumpre o seu dever, a fé não faz senão augmentar a força moral e o espirito de sacrificio. Quando me lancei na tempestade politica, tinha um solido ponto de

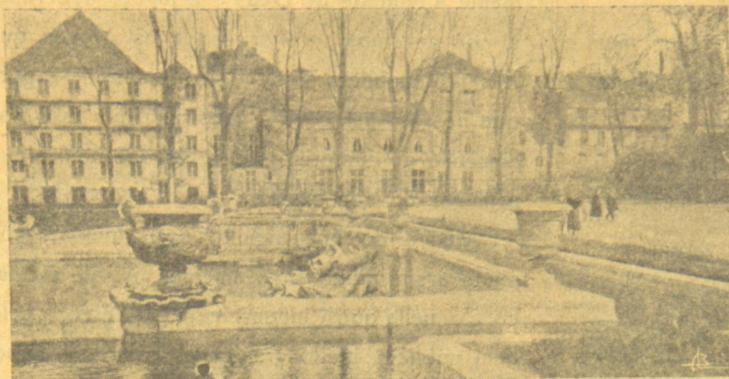
## Bom remedio



— O que hei-de fazer, doutor, a estas malditas dôres, que me não deixam andar?

— Hum!... talvez... sim... talvez fosse conveniente tomar uma carruagem...

## CONFERENCIA DA PAZ



Versailles-Fachada do «Hotel des Riserwis» em frente do Tanque de «Neptuno». As janelas abertas d'uma parte da habitação que occupava os delegados allemães, no rez-do-chão á direita as habitações do chefe da missão.

apoio, porque me abracei á Cruz como o marinheiro se agarra com anciedade ao mastro partido da nau em perigo; e o meu esforço, posso jurar-o, é inteiramente desinteressado. Se fôr necessario, estou prompto a sacrificar tudo para arrancar o meu paiz da mãos d'aquelles que o deshonram e perdem. E' verdade que até agora, por amor do retiro e da vida tranquilla, apenas fi-ve que renunciar a alguns thesouros mediocres, que, no entanto, me eram caros; certas amizades e influencias mundanas, que podiam mesmo ajudar-me a fazer algum bem. Abandonei tudo isto sem hesitação, sem lamentos, e se amanhã se desencadeasse o ciclone da anarchia e terror que nos ameaça, vêr-me-iam arriscar, sem medo, a liberdade e a propria vida.

Teria esta coragem, ha pouco tempo, antes de ter fixado os olhos da alma nas esperanças eternas? Duvido muito, e hoje sinto em mim, para o cumprimento dos deveres civis uma força cuja existencia até agora me era desconhecida.

No meio das agitações d'esta



Conde de Brockdorff-Rautzau, ministro dos negocios estrangeiros e chefe da missão allemã na conferencia da Paz.

minha nova vida, não tenho, pois, saboreado doçura alguma senão nas horas destinadas ás praticas de piedade. Agora como nunca eu admiro a sabia disciplina da Egreja, que harmoniza o pensamento do christão com as horas da oração: duas vezes ao dia, como a maré, ella cobre com as suas aguas salutaes aquella praia lodosa e impura que é a alma do peccador.

Mas a maravilha do culto catholico é o repouso dominical, é a santa Missa, é a paragem do viajante extenuado á sombra das palmeiras d'um oasis ideal, é o sonho de paz e de esperanza em que nos embala o murmurio das fontes vivas da fé!

Chego á igreja parochial para a missa rezada, que se segue quasi immediatamente á missa cantada. Esta acabou ha poucos momentos.

(Continúa).

Outubro de 1899.

FRANÇOIS COPPÉE.

## HESPAÑA



Madrid. — O novo ministerio presidido por Maura sahindo do Paço.

# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

## Vago

Contra riscos de guerra terrestres  
e maritimos, grêves, e tumultos em mobilias  
e edificios particulares, segura a Companhia  
*Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Sede — Lisboa, Largo S. Julião  
10-2º — Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:  
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sol-  
te, Meior. — Agente em Braga, Amares, Povoas  
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha  
Largo do Barão de S. Martinho—BRAGA

## Luneta de Ouro

Ouvidores de esculptura, encadernação e concer-  
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, har-  
moniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria,  
optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1582—RIO DE JANEIRO

Telephona 5593, Norte

«Ilustração Catholica» vende-se nesta casa  
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pavimas textuase).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente ao concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na Officina de S. José, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Alfonso do Paço, capellão da misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



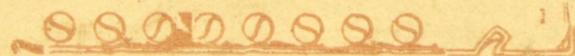
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Gasa do Cañtiño*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção-Primaria.

**Colégio Académico**

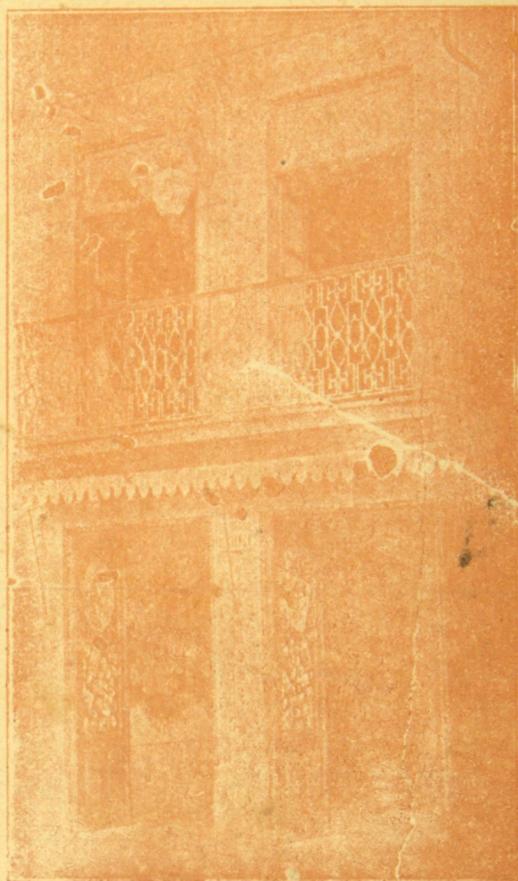
**GUIMARAES**

**Campo da Misericórdia**

A casa de educação e ensino mais  
antiga desta cidade  
Bons resultados nas exames e sólida  
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores:

*Dr. Alfredo Peixoto  
Luiz Gonzaga Pereira  
P.º José Maria dos Santos*



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44 Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**